MAGAZINE EUROPA Catarina Domingues
7 de Novembro de 2017

I.

Carles Puigdemont e mais quatro antigos membros do governo catalão entregam-se às autoridades belgas. Ficam em liberdade mas obrigados a permanecer na Bélgica.

E em Portugal: Conselho de Ministros aprova proposta de lei que obriga empresas a pagar o mesmo salário a homens e mulheres que desempenhem as mesmas funções. Neste programa olhamos para o panorama europeu no que diz respeito à igualdade de género nas políticas salariais.

E ainda neste Magazine Europa: União Europeia estabelece primeiro acordo de sempre com Cuba.

II.

Bem-vindos ao Magazine Europa.

Depois de se entregarem à justiça belga, o presidente destituído da Catalunha, Carles Puidgemont, e quatro dos seus ex-conselheiros ficam em liberdade condicional em Bruxelas. Os cinco aguardam agora a decisão da justiça belga sobre a extradição para Espanha. Mais com a jornalista da Antena 1 Andrea Neves.

[*Era uma das decisões possíveis do juiz de instrução criminal que ficou com a caso e que tinha em 24 horas ouvir os cinco ex-membros do governo na Catalunha e determinar de que forma iriam passar os próximos dias. E é isso que vai acontecer, vão estar em liberdade, mas com condições. Não podem sair da Bélgica, nenhum dos cinco, e têm que se apresentar ao tribunal sempre que sejam solicitados para tal. Agora há 15 dias para que se decida sobre o mandado europeu de detenção emitido por Espanha, ou seja, a justiça belga tem de decidir se vai ou não entregar à justiça espanhola estas cinco pessoas.*
Depois de passados estes 15 dias para uma primeira decisão do juiz de instrução criminal, poderá também haver um recurso. Entre recursos e reclamações poderão passar aqui a cerca de 60 dias, o que leva muita gente a pensar que a campanha eleitoral vai mesmo ser feita através de Bruxelas para as eleições marcadas para o dia 21 de Dezembro na Catalunha. O facto de Puigdemont estar agora na Bélgica com quatro dos seus antigos conselheiros já levantou algumas questões entre as autoridades belgas, entre o próprio Governo. O vice-primeiro-ministro belga afirmou em entrevista à tv que o Governo de Madrid foi longe demais e questionou porque é

que a União Europeia ainda não se pronunciou sobre o assunto. Já o ex-primeiro-ministro belga disse que Rajoy teve mesmo um comportamento autoritário e franquista - são palavras dele - e seria chocante se a justiça belga decidisse pôr Puigdemont na prisão. Está tomada esta decisão, a primeira de um processo que se adivinha ainda longo.]

E a partir de Bruxelas está o comentador residente do Magazine Europa e consultor internacional, Victor Ângelo.

Victor, Carles Puigdemont e outros elementos destituídos do governo catalão ficaram em Bruxelas em liberdade condicional. Esta não era esta a decisão que mais agradava a Madrid...
Não, as questões, as relações entre Madrid e Bruxelas estão a ficar muito complicadas no que diz respeito ao tratamento da questão da Catalunha. Na realidade, nos últimos dias, tem-se assistido a várias declarações políticas de dirigentes belgas que não são favoráveis à posição que Mariano Rajoy tem tomado, ou seja, nota-se que há uma crítica aberta, uma crítica hoje já expressa publicamente por parte de dirigentes belgas no que diz respeito à maneira como o Governo de Espanha tem estado a tratar a questão da Catalunha.

"Aprisionar um governo que tem o apoio de um parlamento, é colocar-se fora do Estado de Direito". Estas são palavras de Carles Puidgement que se dirige também à União Europeia e que está ironicamente no país que alberga as instituições europeias. Que é que se pode esperar para os próximos tempos?
A União Europeia vai continuar a insistir que este assunto é um problema interno de Espanha e na realidade até agora tem sido essa a linha seguida por Bruxelas, pelas instituições europeias. Mas também é verdade que muita gente dentro da União Europeia não compreende o que se está a passar em Espanha, e nomeadamente não compreende a detenção dos membros do Governo da Catalunha. Para muitos europeus, essas detenções são exageradas, são injustificadas e, em certa medida, estão ligadas a questões de direitos humanos. Por isso, mais tarde ou mais cedo vai haver dentro das instituições europeias e nos círculos políticos da Europa quem comece a tentar explicar à população europeia que a população europeia tem razão quando vê que há aqui violações dos direitos humanos. Ou seja, isto pouco a pouco vai-se transformar numa questão europeia. Essa é a grande preocupação neste momento dos líderes da Catalunha, que é tentar internacionalizar e, nomeadamente, europeizar a luta pela independência. Por outro lado, ao nível dos europeus e nomeadamente das instituições de Bruxelas, eles têm de mostrar muita solidariedade com o governo do Reino de Espanha e procurarão evitar essa internacionalização, essa europeização do problema da Catalunha.

Outro apontamento que não deixa de ser interessante é o presidente destituído ter prestado declarações em flamengo, não só porque o advogado é flamengo, mas porque há a ideia de que os flamengos têm mais simpatia pela causa catalã. O Victor vive em Bruxelas. Sente-se essa simpatia?
Sim, há dirigentes da parte flamenga da Bélgica que são pela independência da Flandres e, por isso, vêem o processo da Catalunha como muito importante para a própria independência um dia da Flandres, ou seja, eles pensam, que se a Catalunha se conseguir libertar do resto da Espanha e se se conseguir tornar independente, isso abre a porta para a independência da Flandres. Na Flandres há movimentos nacionalistas muito fortes e, nomeadamente um dos partidos, o que está no governo, é um partido extremista, nacionalista flamengo. É o partido a que pertence o vice-primeiro-ministro do Reino da Bélgica, é um partido relativamente importante e esse partido tem estado a apoiar abertamente o presidente deposto da Catalunha e tem estado certamente por detrás de muitas das declarações públicas que aparecem nos jornais belgas a favor, digamos assim, da independência, ou pelo menos de um tratamento muito favorável dos líderes da Catalunha.
A Bélgica é um país muito frágil do ponto de vista de unidade nacional, é um país muito dividido em termos de etnias, ou seja, há uma grande diferença entre a parte flamenga e a parte valã, a parte francófona. A Bélgica conseguiu um equilíbrio muito precário entre estas duas partes do país, mas evidentemente continua a haver muita gente na Flandres que é pela independência e que veria com bons olhos uma outra região da Europa tornar-se independente.

III.

Em Portugal, Conselho de Ministros aprova proposta de lei de igualdade salarial entre géneros. O diploma, que terá ainda de passar pelo Parlamento e parceiros sociais, prevê igualdade de remuneração entre homens e mulheres que desempenhem a mesma função. Mais com a jornalista Marta Melo.

Em Portugal, o Conselho de Ministros aprovou uma proposta de lei que obriga empresas a pagar o mesmo salário a homens e mulheres que desempenhem as mesmas funções.
De acordo com o diploma, a Autoridade para as Condições do Trabalho vai começar a receber todos os anos informação estatística sobre a política de remuneração das empresas. Caso haja discriminação salarial, as empresas terão de apresentar um plano

em dois anos e corrigir as diferenças.
Os dados mais recentes revelam que os salários médios das mulheres em Portugal são inferiores em 16,7 por cento do que os dos homens. No âmbito europeu, a remuneração média por hora das mulheres é actualmente 16,3 por cento mais baixa.
A União Europeia fez as contas e concluiu: A diferença salarial no bloco dos 28 corresponde a uma perda de dois meses de salário para as mulheres. Ou seja, foi por volta do Dia Europeu pela Igualdade Salarial, que aconteceu a 3 de Novembro, que as mulheres receberam o último salário do ano.

Quando se celebra o Equal Pay Day, O Dia da Igualdade Salarial, na Europa, a União Europeia revela também que vai apresentar um plano de acção para que a desigualdade que hoje existe ainda entre as remunerações de homens e mulheres desapareça. Como é que se pode aceitar que em pleno século XXI esta desigualdade de género no trabalho ainda exista? O que pode ser feito para combater isso?
A verdade é que a desigualdade existe, a desigualdade salarial é patente, nomeadamente no sector privado. É também patente em termos de carreiras. Os homens têm carreiras mais rápidas e com mais êxito do que as mulheres, por isso, é patente não só em termos salariais, mas em termos também do desenvolvimento profissional dos homens e das mulheres. E aí na área das carreiras é tão evidente no sector privado como também é no sector público, nomeadamente em Portugal. Ou seja, quer na economia, quer na política e na administração pública ainda há muito a fazer em termos de desigualdades, não só apenas as desigualdades salariais, mas também as desigualdades em termos de oportunidades de promoção e as oportunidades de chefia. É bom começar e é o caso de Portugal pelas empresas de menor dimensão, mas também seria fundamental em Portugal e noutros países da Europa onde a desigualdade ainda é muito patente se também resolvesse o problema da representação política, porque na realidade as mulheres estão representadas na política em números muito pequenos e numa proporção que é francamente inferior àquela que devia ser.

É impossível não falar na questão do assédio sexual que tem dominado as últimas notícias, que começaram agora recentemente em Hollywood, chegando às instâncias políticas europeias. Victor, o que é que continua a manter.. este comportamento e a permitir que seja silenciado?
Eu acho que em relação à questão do assédio sexual, ele continua a ser na política uma das características que define negativamente as relações entre os homens e as mulheres na política e provavelmente a existência de assédio sexual na política é uma das

razões que leva muitas mulheres a não participar na vida dos partidos e a não participar em actividades políticas. Na verdade, são poucos os países europeus que têm avançado bastante nesta matéria, mas alguns que são exemplos. Na Europa, os grandes exemplos em termos de tratamento igualitário dos homens e das mulheres encontram-se na Escandinávia e também, por exemplo, na Eslovénia que é um país de que se fala muito pouco, mas é um país que conseguiu avançar bastante em termos de igualdade de tratamento entre homens e as mulheres. O que é verdade é que em países, nomeadamente em Portugal, se continua a tratar estas coisas com alguma ligeireza. Nós temos assistido nas últimas semanas na cena portuguesa a decisões de juízes no que diz respeito a violência doméstica que são decisões absolutamente retrógradas e em que os indivíduos que cometem esse tipo de crimes são tratados de uma maneira muito, muito superficial e com muita generosidade. Nós temos problemas também ao nível da justiça, temos uma justiça muito retrógrada e também temos – e essa é a outra dimensão do assunto – uma educação inadequada. Ou seja, nas escolas, nos lugares públicos não se faz o que se devia fazer que é a promoção da igualdade entre os rapazes e as raparigas e a educação dos futuros cidadãos, de modo a que um lado respeite o outro.

IV.

É um virar da página nas relações entre Bruxelas e Havana.
União Europeia e Cuba assinaram primeiro acordo de sempre.
É o Acordo de Diálogo Político e de Cooperação, tem como objectivo incentivar o desenvolvimento sustentável, a democracia e os direitos humanos.
As áreas de interesse comum incluem, por exemplo, o ambiente, energias renováveis, o desenvolvimento rural, segurança e a criação de emprego.
Num comunicado, a União Europeia refere que este acordo vem confirmar o empenho contínuo da União Europeia na América Latina e nas Caraíbas. Cuba era o único país na região com a qual a União Europeia ainda não tinha chegado a um acordo quanto a uma base jurídica para o diálogo e cooperação.

Victor, que importância política e simbólica tem este acordo?
Este acordo é importante. É importante para Cuba, porque Cuba precisa de mostrar que está aberto ao mundo e que está pronta ao diálogo político. Precisa também de cooperação evidentemente e de trocas comerciais. É também importante para a Europa, porque a Europa precisa de ser vista pelos países latino-americanos como não excluindo Cuba. Aliás, para que a Europa possa ter uma voz mais forte no que diz respeito, por exemplo, à situação na

Venezuela, é fundamental que, ao mesmo tempo, que ela possa ser vista -que a União Europeia possa ser vista - como tendo uma atitude de abertura e de diálogo, uma abertura positiva em relação a Cuba. É verdade que a Europa é neste momento o maior investidor estrangeiro em Cuba, mas as trocas comerciais entre a União Europeia e Cuba são ainda relativamente fracas, há aqui um potencial. Apesar das dificuldades económicas que tem, Cuba tem uma população extremamente educada, muito bem-educada, profissionalmente muito competente e provavelmente poderá ser um dia um mercado importante, quer de produção de bens que possam ser importados para a Europa, na Europa, quer ainda também de bens que possam ser exportados para Cuba. Por isso, o potencial económico existe e, por isso, numa altura em que as relações entre os Estados Unidos e Cuba estão extremamente esgotadas pela posição do presidente americano Donald Trump, é fundamental que, por outro lado, a Europa mostre a sua independência e mostre que está interessada no desenvolvimento político, económico e comercial da população cubana.

E o que é que tem mudado mais nos últimos tempos na situação sócioeconómica de Cuba?
Eu estive em Cuba não há muito tempo e vi, por um lado, que há uma grande abertura política, quer dizer, as pessoas podem dizer abertamente que não estão inteiramente de acordo com a política do Governo. É evidente que têm que dizer isso com alguma prudência e com algum humor, mas a verdade é que já se pode dizer essas coisas. Eu estive, por exemplo, na Universidade Nacional de Havana e os professores que nos receberam diziam claramente os pontos em que não estavam de acordo, nomeadamente os pontos do ponto de vista da política económica em que não estavam de acordo com o presidente e com o governo de Cuba. Por isso, há uma certa abertura política, há uma grande abertura económica. Neste momento, uma parte da economia foi aberta ao sector privado, há muitas empresas e muitas famílias a investir, por exemplo, na indústria hoteleira ou em pequenas actividades comerciais ou industriais e isso evidentemente cria uma diversidade em termos das oportunidades económicas e com a diversidade económica chega também a diversidade política e o diálogo entre os cubanos. Nós notamos que, apesar de uma grande parte da população cubana viver ainda em condições muito difíceis, com salários muito baixos e com muitas dificuldades em termos de acesso aos bens primários de consumo, há uma grande abertura ao nível político e sobretudo uma abertura muito nítida ao nível económico.

V.

Victor Ângelo todas semanas aqui no Magazine Europa.

E hoje voltamos ainda à Catalunha para a nossa agenda cultural. Esta semana propomos uma visita à primeira casa desenhada por Antoni Gaudi – a Casa Vicens, construída em 1883, e que vai abrir ao público pela primeira vez de forma permanente.

A casa, localizada no bairro Gràcia foi mandada construir por Manuel Vicens I Montaner, proprietário de uma fábrica de tijolos.

Este é considerado um dos principais e primeiros trabalhos do movimento modernista catalão.

Nós ficamos por aqui, até para a semana!

[ficha técnica]

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Hélder Beja, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.
As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.
O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus +
Estamos no Facebook em Magazine Europa.